

FILOSOFIA E ENSINO DE LÍNGUAS: UM CAMINHO POSSÍVEL

Alessandra Montera ROTTA

Universidade Federal de Uberlândia

e-mail: salutale@terra.com.br

Resumo: O artigo discute a questão da leitura em sala de aula de língua estrangeira. Toma-se como base o papel da Filosofia através dos temas filosóficos universais que servem de discussão para a leitura dos textos. Prioriza-se, nessa discussão, a formação crítico-reflexiva do leitor e os sentidos que ele dá à leitura como meio de transformação de sua experiência de vida. A relevância desta pesquisa está na reflexão sobre o ensino da Filosofia através da leitura de textos filosóficos e sua eficácia no ensino/aprendizagem da língua estrangeira, em um trabalho realizado com alunos do curso regular de francês na Central de Línguas da Universidade Federal de Uberlândia.

Palavras-chave: leitura, filosofia, ensino de línguas.

1. Introdução

A leitura em língua estrangeira vem sendo estudada por vários pesquisadores brasileiros, com o objetivo de mostrar a importância da leitura no processo de ensino-aprendizagem de línguas e na formação de um leitor consciente e construtor de significados. No entanto, o que se tem visto nas aulas de língua estrangeira é o uso da leitura para meros exercícios de compreensão de textos ou como pretexto para as aulas de gramática.

O ensino da leitura se nos apresenta como uma forma de aumentar os conhecimentos dos alunos, expondo-os a diferentes visões de mundo, de cultura e da língua alvo. A preocupação com a pesquisa em leitura de textos filosóficos na sala de aula de língua estrangeira nos interessa mais diretamente porque ela compreende não apenas a interpretação do pensamento filosófico, muitas vezes considerado difícil e profundo pelos alunos, mas também a aprendizagem da língua. Como estimular os alunos a ler textos filosóficos? Em que medida a Filosofia pode ser parceira do ensino de uma segunda língua? Quais obstáculos devem ser transpostos? Como encarar as dificuldades com a interpretação sem que isso afete a aprendizagem?

Esse artigo pretende discorrer sobre a importância da leitura de textos filosóficos para a formação intelectual e educacional dos alunos que frequentam os cursos de língua estrangeira. Também visa a mostrar o trabalho com a língua sem que os textos sejam um obstáculo à aprendizagem. Para tanto, dividimos nosso texto em dois momentos: inicialmente, abordamos alguns temas filosóficos que julgamos pertinentes à formação humanística de nossos alunos; finalmente, apresentamos como se dá o trabalho com textos filosóficos nas aulas de língua estrangeira.

2. Um pouco de Filosofia

O termo Filosofia vem do grego *philos*, que significa amigo, e *sóphon*, que significa sabedoria. No sentido primeiro da criação de Heráclito, filósofo seria, portanto, o amigo da sabedoria, aquele que caminha em busca de saber, que vai em busca do que está por trás do real aparente. Citando a definição de Nietzsche,

"Todo homem que dotado de espírito filosófico há de ter o pressentimento de que atrás da realidade em que existimos e vivemos se esconde outra muito diferente, e que, por consequência, a primeira não passa de uma aparição da segunda."

(NIETSCHE apud Buzzi, 1974:6)

Filosofia, nesse sentido, é uma formalidade de pensar. É, de acordo com Deleuze e Guatarri (1992), a arte de formar, de inventar, de fabricar conceitos. Assim, não pode filosofar aquele que não cria ou não criou conceitos. Ter o conhecimento não é o bastante para se realizar uma transformação. Ser detentor de um conhecimento e não utilizar-se dele como um instrumento de modificação do *status quo* é deter um conhecimento que não tem sentido.

O conhecimento só é válido, portanto, quando permite a ação. Há um ditado da filosofia Zen que diz que saber e não fazer é ainda não saber. Aprender a filosofar (pensar, refletir) significa, assim, transformar o conhecimento em instrumento de ação. Gramsci dá a esse poder da filosofia um valor histórico, a filosofia da praxis marxista, acreditando que todos os homens são filósofos:

"(...) um movimento filosófico só merece este nome na medida em que (...), no trabalho de elaboração de um pensamento superior ao senso comum e cientificamente coerente, jamais se esquece de permanecer em contato com os 'simples' e, melhor dizendo, encontra nesse contato a fonte dos problemas que devem ser estudados e resolvidos. Só através deste contato é que a filosofia se torna 'histórica', depura-se dos elementos intelectuais de natureza individual e se transforma em 'vida'."

(GRAMSCI apud Mochcovitch, 1990:40-41)

No entanto, não basta deter o conhecimento daquilo que pensaram os filósofos se não se criam questões individuais no sujeito pensante, colocando-as em harmonia com a realidade ao seu redor. A Filosofia carrega de imprescindibilidade para a formação de um sujeito reflexivo. Um ser pensante, que pensa a realidade em que está inserido, aprende a ser crítico, transforma a sua própria realidade.

A especificidade do conteúdo na Filosofia é marcada pela abordagem de temas relacionados a questões muitas vezes relegadas pelas disciplinas da contemporaneidade, muito mais preocupadas a particularizar e a fragmentar o saber da experiência humana. A Filosofia, contrariamente, propõe uma desfragmentação do homem na compreensão de si mesmo e dos fenômenos que o compõem e que constituem a sua práxis no mundo. Ela oferece ao indivíduo a oportunidade de poder aprender sobre sua própria realidade através do

contato com conceitos que permeiam a existência humana, tais como a dor, a vida, a morte, a dúvida, a liberdade, as paixões, o conhecimento, a religião, a arte, a política, o ser, o nada, entre tantos outros, permitindo ao sujeito pensante a oportunidade de reflexão e de transformação.

3. Por que ensinar Filosofia?

É justamente esse caráter específico no trato das principais questões da existência que apontam para a importância do ensino da Filosofia na formação do indivíduo: sua especificidade empresta ao homem um olhar diferente da realidade, das cismas do mundo, de seu entorno e, principalmente, de si mesmo. Novo olhar, nova compreensão, novo modo de atuar e de construir a realidade.

A importância do ensino da Filosofia vem nessa direção. Desde a sua origem, a Filosofia jamais se contentou em dar conta de aspectos simples, imediatos e particulares do mundo. Seu *modus operandis* sempre se orientou na busca pela compreensão da totalidade das coisas, um trato que procurasse abandonar a uniteralidade e parcialidade presentes no imediatismo que assola o viver cotidiano. Os pré-socráticos já apontavam nessa direção; ao buscarem o princípio primeiro das coisas, não desprezavam nenhum outro aspecto da realidade, tal como ela era percebida.

A busca somente acontece na medida em que se abraça a multiplicidade que compõe a experiência humana. Ao propor ao indivíduo um *modus vivendis*, a Filosofia insere esse mesmo indivíduo em sua realidade e o dota de um posicionamento aberto, considerando as múltiplas possibilidades presentes nos fenômenos que ele testemunha em seu cotidiano.

“O papel da Filosofia é o de estar articulando o sentido ou a significação da existência humana na realidade, o que implica a articulação do sentido ou do significado dessa mesma realidade. O que implica, na verdade, uma constituição, sempre renovadamente feita, que constitui ao mesmo tempo e com todas as suas outras determinações, o próprio homem e o seu mundo.”

(LORIERI, 1996:10)

A Filosofia dá sentido à experiência humana e a habilita a articular os sentidos advindos de suas mais diversas percepções. Toda experiência humana deve ser uma construção de sentidos, cuja finalidade seria a expansão e a exploração desses sentidos, em momentos de constantes questionamentos dessa realidade material predominante.

Essa realidade individualizada pode ser transformada através do ensino da Filosofia, nos moldes do ideal antropológico da Grécia Antiga: o ideal de educação (a *Paidéia*) que buscava a formação do homem em suas várias esferas (social, política, cultural e educativa) e o considerava como um ser racional.

A Filosofia empresta sentido e significado às coisas na medida em que questiona a origem, a validade, a legitimidade, a verdade, a eficácia, a virtude e a nobreza humana. Dessa maneira, diferencia-se de qualquer outro fazer científico porque possibilita incursões profundas em questões mesmo que imperceptíveis à experiência humana, sempre dotada de significado. A Filosofia demonstra ainda ao homem que ele é o responsável por criar sua

realidade, dar a ela seus significados, carregando-a de sentidos únicos e intransferíveis. Esse fazer no mundo que o indivíduo opera nele mesmo ajuda-o, pois, a fazer-se a si mesmo: na medida em que constrói, também é construído; ao discernir as coisas re-significando-as, também é marcado pela mesma re-significação, vendo-se alterado e sempre novo em sua experiência.

Dessa maneira, o ensino da Filosofia, em nosso ponto de vista, torna-se essencial. Ao propor a constituição de um homem reflexivo e crítico em seu viver cotidiano, apura sua percepção sensível sobre as nuances da experiência humana, arrancando-o da mediocridade da resposta pronta, preparando-o para a multiplicidade da compreensão do mundo.

4. Filosofia e ensino de línguas

Os métodos mais apropriados para o ensino de língua, segundo Almeida Filho¹, são os de cada professor, desde que ele reconheça qual método tem na prática e a qual abordagem, filosofia ou família ele pertence. De acordo com o autor, a palavra método pode se referir a material didático ou a um dado conjunto de procedimentos de ensino e aprendizagem propriamente ditos que se orientam por um conjunto ou sistema de ideias sobre o que é língua, sobre o que é aprender/adquirir língua/outra língua e ensinar língua/outra língua. Essas ideias formam uma visão ou filosofia do ensino de línguas. São elas que tornam possível o professor ensinar como ensina.

A leitura de textos filosóficos em sala de aula de língua exige, inicialmente, um preparo anterior do professor, que deve se debruçar sobre o texto escolhido a fim de nele explorar todas as possibilidades lingüísticas oferecidas pelo texto. Não se trata aqui de um pretexto para ensinar gramática, mas a gramática do próprio texto dando sentido e auxiliando na interpretação. Não separamos uma coisa de outra: a gramática torna-se, pois, um instrumento de construção de significados. O professor também deve selecionar textos apropriados tanto ao nível lingüístico do grupo quanto aos temas que correspondam aos objetivos traçados inicialmente.

Esse trabalho pauta-se em nossa crença pessoal sobre o ensino e a aprendizagem de uma segunda língua. Há vários termos e definições usados para se referir às crenças sobre aprendizagem de línguas. No entanto, embora não haja uma definição única, há muitas idéias em comum entre os autores que investigam essa área. Corroboramos da definição de ALVAREZ (2007), que nos parece ser bastante completa:

A crença constitui uma firme convicção, opinião e/ou idéia que têm o indivíduo com relação a algo. Essa convicção está ligada a intuições que têm como base as experiências vivenciadas, o tipo de personalidade e a influência de terceiros, pois elas são construídas socialmente e repercutem nas suas intenções, ações, comportamento, atitude, motivações e expectativas para atingir determinado objetivo. Elas podem ser modificadas

¹ Entrevista completa em <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/noticias.html?idCategoria=8&idEdicao=40>.

com o tempo, atendendo às necessidades do indivíduo e a redefinição de seus conceitos, se convencido de que tal modificação lhe trará benefícios.

(ALVAREZ, 2007, p. 200)

A convicção de que a Filosofia atende nossa necessidade de provocar reflexão em nossos alunos é, de fato, o farol que conduz nossas atividades em sala de aula de línguas. O método mais usado atualmente em sala de aula de língua estrangeira pertence a uma abordagem comunicativa. Ela visa prioritariamente desenvolver competência comunicativa (de uso da nova língua) numa visão de desestrangeirização dessa língua para os novos aspirantes ao seu domínio para nela circularem socialmente. O princípio organizador dela não é a gramática, mas a busca de sentidos co-construídos na interação motivadora, interessante ao aprendiz, que faz produzir linguagem adequada para que a nova língua comece a ser adquirida desde o início e não somente algum dia, se ocorrer.

Em nosso caso específico, a inclusão de textos filosóficos possibilita tanto ao professor quanto ao aluno o uso real da língua, na medida em que permite: a) discussões e debates sobre o assunto em questão (estímulo à reflexão); b) interação com o grupo, na apresentação e confronto dos diferentes pontos de vista dos alunos (abordagem socio-interacionista); c) desenvolvimento da argumentação. Dentro do pensamento lógico-racional francês, esse trabalho traz grandes resultados: não apenas a fala é desenvolvida, mas também a aprendizagem do léxico, da gramática do texto, do uso dos articuladores lógicos, podendo, ainda, resultar na posterior escrita de textos argumentativos individuais.

5. A importância da leitura nas aulas de língua estrangeira

Segundo Grellet (1981), há duas razões para a leitura: por prazer e para obter informações. Silva (1992) afirma que a leitura propicia ao indivíduo acesso às mais diversas fontes de informação e conhecimento, constituindo-se em um elemento fundamental de sua educação, uma vez que impulsiona a descoberta, a elaboração e a difusão do conhecimento.

O aprendizado de língua estrangeira se dá de maneira eficaz quando se oferece aos alunos oportunidades para o uso desta língua em um contexto comunicativo e, dentro desse contexto, atualmente, o ensino de leitura nas aulas de língua estrangeira vem sendo considerado uma prioridade, já que permite que o aluno desenvolva como parte da competência comunicativa, a competência leitora e linguística, além de outras.

A leitura em língua estrangeira ocorre a partir de um conjunto de estratégias, tais como inferência, autopredição etc, em que o leitor imprimirá significados ao texto, baseado nas suas vivências e no seu conhecimento prévio. Com isso, surgirá o leitor crítico, que reflete sobre o mundo, sobre a cultura do outro e sobre a própria cultura. Daí a importância da introdução da leitura como um subsídio a mais nas aulas de língua.

O *Marco Comum Europeu de referência para as línguas: aprendizagem, ensino e avaliação* (2002), documento que apresenta os princípios teóricos atuais para o ensino de línguas estrangeiras, deve servir de referência para todos os que se dedicam ao ensino/aprendizagem de línguas. Nele, a concepção de leitura não se restringe à simples

decodificação do signo linguístico ou à compreensão isolada de vocábulos ou sintagmas. A compreensão em leitura em língua estrangeira é um processo amplo, abrangente, que vai além do reconhecimento das palavras e que implica o domínio de habilidades perceptivas, tais como decodificação, inferência, predição, estabelecimento de relações, entre outros, assim como a adequada utilização de recursos auxiliares, tais como dicionários, gramáticas, meios eletrônicos etc.

6. Metodologia

Seguindo esse pressuposto, e baseando-nos no exposto nos itens anteriores, escolhemos como metodologia a leitura de textos filosóficos como um caminho possível para ensinar e aprender a língua estrangeira, mas também como um projeto de contribuição da formação integral do ser humano - nosso aluno -, trabalhando concomitantemente a educação de seu espírito para os questionamentos da existência humana.

Participaram dessa pesquisa quinze alunos dos cursos regulares de francês língua estrangeira dos níveis Intermediário I e II. Ela foi realizada ao longo dos dois semestres que compõem o calendário acadêmico na Central de Línguas (Celin) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

Três momentos marcaram o trabalho. Inicialmente, a escolha dos textos seguiu uma pré-consulta sobre o interesse dos próprios alunos pelos grandes temas da Filosofia e autores que gostariam de ler. Foram escolhidos os seguintes temas: a existência de Deus, a amizade, a paixão, a razão, a dúvida, o sofrimento. Acrescentamos ainda textos sobre a educação, a ética e o existencialismo. Propusemos, assim, a leitura de Kant, Descartes, Nietzsche, Rousseau, Sartre, Aristóteles e Sócrates.

Os textos foram dados a cada quinze dias. Num segundo momento, que se seguiu à aula imediatamente posterior à leitura, havia um compromisso do grupo de pesquisar sobre a vida do filósofo abordado em sala de aula. O objetivo era retomar, dessa forma, durante a aula, através de conversa espontânea, o que descobriram sobre o autor lido e qual a importância da temática em sua obra como um todo. Ainda nesse mesmo momento, abrimos espaço para a reflexão sobre o tema. Cada aluno pôde manifestar seu pensamento livremente e relacionar angústias e questionamentos com sua experiência pessoal de vida, num processo de reflexão intenso.

Finalmente, o trabalho culminou com o desenvolvimento da produção escrita sobre o tema lido e discutido em sala de aula. Procuramos, aqui, observar como a competência da expressão oral se refletiu na expressão escrita.

A gramática do texto foi explorada à medida que o sentido do texto era construído pelos alunos, ao longo da argumentação, com especial ênfase nos articuladores lógicos.

Também nos pautamos na necessidade de investigar o aperfeiçoamento da leitura em francês língua estrangeira, bem como na contribuição para a formação de um espírito crítico e reflexivo em nossos alunos.

Não houve aplicação de questionário com perguntas e respostas. Optamos pelo relato espontâneo de cada aluno em sua experiência individual com a leitura de textos filosóficos.

Propusemos, no entanto, um tema a ser desenvolvido: “Filosofia e aprendizagem de língua francesa: um caminho possível?”

Expomos a seguir os resultados desse trabalho, em que procuramos analisar a eficácia dessa metodologia para o ensino e a aprendizagem de língua estrangeira.

7. Resultados²

Dos quinze alunos participantes, nove marcaram sobremaneira essa pesquisa. Demonstraram um grande interesse desde o início pela proposta de leitura de textos filosóficos, que foi crescendo e se desenvolvendo ao longo do semestre. Observamos neles o desejo de ler em sala de aula, de se posicionar diante do tema, de relatar experiências individuais, de questionar, de pensar, enfim. Outros quatro que, em princípio, não quiseram esboçar reação à proposta, durante a leitura dos textos manifestaram o desejo de expor opiniões pessoais, criticando e refletindo junto com o grupo.

A proposta de discussão em grupo foi extremamente eficaz e necessária nesse trabalho, sem a qual não seria possível tocar os alunos para a ação, para o desenvolvimento da expressão oral. Ao falar de temas próximos à vida cotidiana, encontramos um caminho possível para a prática da comunicação, e com ela o desafio do professor de línguas de fazer com que o aluno não se iniba, não tenha medo de correr riscos e de se expor. Vislumbramos, ainda, uma interação maior no grupo, criando um ambiente propício à aprendizagem da segunda língua.

Os relatos escritos também nos surpreenderam, porque os alunos indicaram o desejo de continuar com a proposta. Sete deles afirmaram que a leitura de textos filosóficos havia mudado a forma de “ver o mundo, as coisas, as pessoas”. Para estes, aprender a ler textos filosóficos em francês foi uma forma de ajudar a criar e a melhorar suas consciências, suas formas de pensar. Foi, ainda, uma maneira de “ensinar a ser uma pessoa que seja aberta a novas verdades, ideias e formas de pensar”, proporcionando-lhes o aumento significativo das oportunidades da vida, bem como de encontrar diversas soluções para os seus problemas.

Seis outros alunos relataram a grande qualidade sobre assuntos que “por vezes ouvimos ou lidamos diariamente sem perceber bem o porquê do mesmo”. De acordo com esses alunos, “ao analisar cada vez mais questões filosóficas ou enigmas lógicos, o nosso cérebro vai progressivamente aumentando a sua capacidade crítica”. Essa afirmação comprova nossa constatação: ao longo de algum tempo, cada indivíduo será capaz de encontrar verdades e respostas mais eficazes aos problemas ao invés de se contentar apenas com uma simples solução.

Apenas dois alunos relataram “cansaço por ter que pensar tanto”. De acordo com eles, foi uma perda de tempo ficar “aprendendo a questionar o mundo ao meu redor.” Na verdade, tiveram “preguiça de pensar”, e acreditam que “a filosofia não serve pra nada”.

² Todas as frases entre aspas encontradas nesse item referem-se a falas dos alunos e foram retiradas de seus relatos pessoais sobre a experiência com leitura de textos filosóficos realizada no final do semestre.

8. Considerações finais

Percebemos, através desse estudo, que a leitura de textos filosóficos nos cursos livres de línguas estrangeiras é um trabalho que demanda tempo e interesse da parte do professor, visto que a preparação anterior à leitura em sala de aula exige dele o contato profundo com o tema e a estrutura do texto.

Percebemos ainda que, não sendo o texto filosófico apenas um recurso para aula de gramática, permite que a aprendizagem da mesma flua de forma menos cansativa para o aluno, que passa a ser capaz de compreendê-la através da própria articulação do texto ao longo da leitura.

Esperamos que essa pesquisa traga efeitos positivos na reflexão da atuação de cada profissional da área de ensino/aprendizagem de línguas e que a publicação dos resultados contribua para o aperfeiçoamento do ensino de francês língua estrangeira não apenas na Central de Línguas da Universidade Federal de Uberlândia, onde ocorreu a coleta dos dados, mas também em outros universos similares, com a certeza de que, enquanto docentes, devemos refletir se estamos fornecendo as condições necessárias para que os alunos se tornem leitores reflexivos e transformadores de suas realidades individuais.

Consideramos, ainda, que o estudo foi bastante rico, uma vez que investigamos o papel da filosofia na vida nos alunos, essencial para que pense por si mesmo e aprenda a tomar posição, podendo servir como incentivo e referência para pesquisas futuras, principalmente com relação à temática proposta.

Nós desejamos, finalmente, contribuir não para "fabricar cidadãos bem pensantes", mas estimular o desenvolvimento de livres pensadores.

9. Referências Bibliográficas

ALMEIDA FILHO, J.C.P. <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/noticias>, acesso em 28 de outubro de 2011.

ALVAREZ, M.L.O. "Crenças, motivações e expectativas de alunos de um curso de formação Letras/Espanhol." in ALVAREZ, M. L. O.; SILVA, K.A.(org.) **Linguística Aplicada:múltiplos olhares**.Campinas: Pontes Editores, 2007. pp.191-231.

BUZZI, Arcângelo R. **Introdução ao pensar**. Petrópolis: Vozes, 1974, 240 p.

CECR. **Cadre Européen Commun de Référence pour l'Apprentissage/Enseignement des Langues**. Também disponível em <http://www.unizar.es/idiomas/frances/CADRE.htm>, acesso em 31/10/2011.

DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. **O que é filosofia?** Rio de Janeiro: 34, 1992, 279 p.

GRELLET, Françoise. **Developing reading skills - a practical guide to reading comprehension exercises.** Cambridge: Cambridge University Press, 1981, 256 p.

LORIERI, Marcos A. O sentido do ensino de filosofia. *In: Revista Brasileira de Filosofia no 1º Grau.* Florianópolis: SC, v. 5, p. 10-15, 1996.

MOCHCOVITCH, Luna G. **Gramsci e a escola.** São Paulo: Ática, 1990, 80 p.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **O ato de ler.** 6 ed. São Paulo: Cortez, 1992, 104 p.